

## **PEDAGOGIA SISTÊMICA: UMA INTERLOCUÇÃO ENTRE LETRAMENTO, ENLEITURAMENTO E O OLHAR SISTÊMICO**

Anaci Carneiro de Sant'Ana

Resumo: O estudo de teorias e práticas que buscam ressignificar o fazer pedagógico no intuito de fortalecer uma educação crítica, emancipatória, próxima da realidade do educando e promovendo desenvolvimento do ser crítico e emocional é algo que se tem pensado com intensidade. Este artigo visa trazer o diálogo entre três teorias que convergem nesta busca: O letramento, através de Street (2014), Kleiman (1995) e Pereira (2014), Enleituramento Rosemary Lapa e A Pedagogia Sistemática que tem como precursora a alemã Mariane Franke-Gricksch (2002), aproximando o aluno da escola e refletindo sobre prática pedagógica a formação do professor enquanto sujeito direcionador da prática e a importância do método na implicação do fazer pedagógico, a construção de outras realidades e desconstruindo as formas de subjetividade limitantes e os comportamentos disfuncionais adquiridos ao longo da vida e possibilitando uma melhor relação dos indivíduos consigo e com o mundo de forma crítica, inclusiva e autônoma.

Palavras-Chave: Letramento. Pedagogia da autonomia. Pedagogia sistêmica.

### **INTRODUÇÃO**

Os estudos sobre ensino /aprendizagem vêm se fortalecendo de diversas formas, com o intuito de encontrar caminhos que possibilitem o fazer pedagógico de forma efetiva e situando o educando como parte prioritária do mesmo, pensando as estratégias utilizadas para construção de um modelo mais significativo e formador de uma sociedade mais consciente da sua história, apropriando se dela. Refletir sobre o papel do professor, sua postura seu método e as formas como se apropria dos

saberes e como compartilha é imprescindível para entender o processo educativo

Um das possibilidades mais importantes na solidificação de alternativas eficazes é entender as práticas de letramento e suas implicações nas práticas sociais dos sujeitos revelando o quanto esse termo vem sofrendo ressignificações devido às mudanças sociais ocorridas nos últimos tempos, bem como às pesquisas realizadas em diversos campos que se dedicam ao estudo da escrita e seus impactos na sociedade. Tais ressignificações mostram, entre outros, que o conceito de letramento e as práticas do mesmo não se restringe só a escola, mas dá a ela um lugar de importância, pois é através da mesma que este processo se amplia, pois o desenvolvimento do letramento dos alunos é de grande importância, para que estes possam desenvolver capacidades de leitura e escrita em diversos contextos sociais, com vistas à participação ativa na sociedade

Tomando como base os conceitos e concepções acerca destes estudos, este texto propõe-se a refletir as possibilidades de letramentos existentes não só no ambiente escolar, mas levando em conta a escola como principal promotora destes eventos como diz Brian Street e: “se, como argumentamos, existem múltiplos letramentos, como foi que uma variedade particular veio a ser considerada como único letramento?” (STREET, 20014, p. 121) possibilitando o diálogo entre pedagogia sistêmica, meu objeto de estudo e Enleituramento, termo cunhado pela professora Rosemary Lapa (2020) que trata das formas de leitura utilizadas pela escola e a importância da metodologia utilizada pelo professor como possibilidades de facilitar a prática leitora.

É um trabalho de cunho bibliográfico e traz a princípio uma visão ampliada do que seria o letramento a partir do pensamento de Kleiman (2005), Pereira (2014), Street (1984) depois como se representa o Enleituramento, Lapa (2020) e por último as

propostas da pedagogia sistêmica criada pela alemã Marianne Franke-Gricksch, em 2002, com a publicação do seu livro: *Você é um de nós e o pensamento sistêmico* e autores como Vieira (2019), Guedes (2012) em diálogo com a teoria de Freire (2016).

A necessidade de refletir sobre as estratégias criadas pelo professor com o intuito de ressignificar as práticas educativas favorecendo uma aproximação entre a teoria e a prática e vida do aluno é algo que precisa ser revisitado sempre. É necessário trazer para dentro da escola os processos de identificação de cada aluno, a realidade deles, os seus saberes discursivos, os seus “modos de ler e escrever”, a subjetivação dos seus dizeres, as produções de sentidos presentes nos seus textos. Assim, é preciso entender os pressupostos que envolvem as três temáticas: letramento. Enleituramento e pedagogia sistêmica, respaldando os segundo as orientações dos PCNs (1998).

A escola é um ponto de encontro de diferentes vozes sociais que ecoam e circulam dentro do seu espaço produzindo diversos tipos de discursos, por isso é importante que os atores que a compõe faça uma reflexão da sua função social e se apropriem de teorias, métodos e técnicas possibilitando uma prática pedagógica libertária e descolonizadora. O saber popular não pode ser desqualificado e tampouco deslocado para um modelo desejável e institucionalizado de discurso da escrita. Muito pelo contrário, a escola como um espaço de interação social deve estar ligada às possibilidades de negociação e de um projeto comum que não apague as diferenças.

É neste contexto que as teorias e práticas apresentadas dialogam, pois apesar de objetos distintos, a metodologia aplicada parte do mesmo espaço e se coadunam num olhar solidário e parceiro de percepção de construção de histórias e valorização do indivíduo com suas singularidades, marcas de vidas construindo uma teia, um tecido de possibilidades múltipla.

## **POR UMA BREVE HISTÓRIA DO LETRAMENTO**

O termo letramento, no Brasil, integrou o discurso de especialistas de várias áreas do conhecimento, dentre elas, a Educação e a Linguística, a partir da década de 1980, e, desde então, a maneira de se pensar em relação à leitura e à escrita foi se transformando gradativamente. O termo letramento emergiu e se modificou na nossa sociedade, trazendo mudanças significativas para a compreensão do uso dos sistemas da língua escrita, como se pode perceber logo abaixo nesses fragmentos de Kleiman (1995).

Os estudos sobre o letramento no Brasil estão numa etapa ao mesmo tempo incipiente e extremamente vigorosa, configurando-se hoje como uma das vertentes de pesquisa que melhor concretiza a união do interesse teórico, a busca de descrições e explicações sobre um fenômeno, com o interesse social, ou aplicado a formulação de perguntas cuja resposta possa promover a transformação de uma realidade tão preocupante, como a crescente marginalização de grupos sociais que não conhecem a escrita (KLEIMAN, 1995, p. 15).

O termo letramento originou-se da palavra inglesa literacy, (STRRET, 2014), que designa a condição de ser literate, ou seja, aquele que vive em estado ou condição de saber ler e escrever. Trata-se de uma área marcada por um conjunto heterogêneo de ideias e vertentes teóricas que ressignificou bastante os modos de se fazer pesquisas nesta área, uma vez que abriu um leque de possibilidades para pensar as práticas de uso da linguagem que circulam na sociedade, principalmente, os diversos usos da escrita, a partir da perspectiva do letramento.

Entender a relação que os sujeitos estabelecem com a leitura e a escrita, a partir da interação com o contexto social, e, também, “perceber que tanto as leituras quanto o ato de escrever são diversos, que utilizamos a escrita para diferentes finalidades,

(TFOUNI, 2010, p. 218) são reflexões trazidas pelos novos estudos do Letramento.

Na escola, o discurso sobre a escrita, na maior parte do tempo, esteve voltado para o domínio de habilidades e competências individuais dos sujeitos, ou seja, saber ler e escrever. Essa concepção de ensino fundamentava-se, sobretudo, em avaliar o que os sujeitos sabiam sobre os textos escritos, com pouquíssima preocupação com o seu uso ou o que faziam com eles depois nas suas práticas cotidianas. A proposta nos sistemas de ensino que instigasse nos sujeitos uma preocupação com a contextualização das palavras no ensino da leitura e prática eram pouco praticadas.

Para Street (2014, p. 122), o nosso olhar está tão arraigado nas instituições de ensino que muitas vezes só conseguimos enxergar práticas de linguagem nesses contextos formativos. “é difícil nos desvencilharmos delas e reconhecer que, na maior parte da história e em grandes setores da sociedade contemporânea, as práticas letradas permanecem encaixadas em outras instituições sociais” (STREET, 2014, p. 122).

Em *Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação* - Street (2014), traz algumas características em que descreve o letramento autônomo prática que tem semelhança com as práticas da pedagogia da autonomia de Paulo Freire.

a) distanciamento entre línguas e sujeitos — a língua é tratada como se fosse uma coisa, distanciada tanto do professor quanto do aluno e impondo sobre eles regras e exigências externas, como se não passassem de receptores passivos; b) usos “metalinguísticos” — os processos sociais de leitura e escrita são referenciados e lexicalizados dentro de uma voz pedagógica como se fossem competências independentes e neutras, e não carregadas de significação para as relações de poder e para a ideologia; c) “privilegiamento” — as maneiras como se confere status à leitura e à escrita em comparação com o discurso oral; d) “filosofia da

linguagem” — estabelecimento de unidades e fronteiras para os elementos do uso da língua, como se fossem neutros, disfarçando-se desse modo a fonte ideológica daquilo que de fato são construções sociais (STREET, 2014, p. 129-130).

Brian Street apresenta os mitos do letramento, apoiado em argumentos sobre os usos e significados que as pessoas atribuem à leitura e escrita enquanto práticas de repetição descontextualizadas. Ele busca transcender o conhecimento da escrita, ir além das palavras do texto, abstrair significados dos contextos em que vivem os alunos, investigando, com isso, a função que ela exerce na vida prática deles.

Ao pensar num modelo de letramento que vai além de formas e regras, com foco social na construção da escrita, apresenta o modelo ideológico de letramento. Este, por sua vez, considera a relação indivíduo e sociedade, ou seja, as vivências dos alunos dentro dos seus contextos reais de produção.

Essa visão de letramento enquanto prática que extrapola a sala de aula constituindo através de eventos sociais tem ressonância nos textos de Aurea Pereira (2014, p. 99), quando traz que “As práticas de letramento são sociais e abstratas envolvendo eventos que incluem os saberes sociais e cotidianos dos sujeitos, bem como conhecimentos formais, habilidades e crenças sobre a língua escrita.”

Para Street (2014, p. 154), o letramento é aprendido “num contexto específico de um modo particular e as modalidades de aprendizagem, as relações sociais dos estudantes com o professor são modalidades de socialização e aculturação”. Conforme o autor, cada aluno é um sujeito individualizado, com representações, memórias, crenças, e modos de vida diferentes, portanto, defende que não tem como o professor trabalhar na sala de aula sem considerar essas especificidades.

Street revela a importância do letramento familiar no processo de “letrar como prática social”. Após os dados e as descobertas de tais pesquisas, Brian Street acredita ser necessário uma mudança na política pública de letramento de forma urgente, centrando-se no letramento ideológico como perspectiva essencial para a construção de novas teorias e práticas em contextos sociais diversos.

No seu livro *Letramento sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação* Street traz uma contribuição importante para os estudos sobre letramento no Brasil, uma vez que traz uma temática com abordagem crítica que influencia no processo de compreensão do letramento como prática concreta e social. Além de apresentar e discutir conceitos, teorias e resultados de pesquisas que podem promover reflexão e mudanças na prática profissional de professores e pesquisadores na atualidade.

Assim, pensar a importância do letramento na suas diversas modalidades e concepções é promover a reflexão para uma prática envolvendo os diversos contextos e processos, ressignificando a construção de educação, da leitura e escrita, ampliando o olhar e principalmente promovendo discussões sobre a formação de educadores, discutindo o papel do educador e da escola. É necessário enxergar esta tarefa como algo que tem que estar nas principais pautas de discussões da prática educativa, pois como afirma Pereira:

As tarefas de alfabetização e letramento devem ir além de uma formação acadêmica engessada em concepções teóricas distantes da realidade local dos alunos. Para o educador é necessário conhecimento e convívio com a comunidade, além de atitudes críticas de diálogo e intervenção na intenção de contribuir com mudanças sociais mais significativas (PEREIRA, 2014, p. 151).

## **ENLEITURAMENTO E LETRAMENTO: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO**

O conceito de enleituramento, segundo Lapa (2020) está enlaçado às ideias de Freire em sua obra, quando este defende a ideia da leitura crítica e da formação do leitor crítico. Esse termo foi elaborado durante estudos de doutorado da autora e surgiu para dar conta da leitura que

extrapola a decifração do código linguístico e considera a relação dialógica entre as condições de produção dos sujeitos da interação: sujeito autor e sujeito leitor, sem impor hierarquias. Esse conceito entende que a leitura crítica abarca diversas formas de interpretação, pois atrela-se ao mundo físico, psicológico, social, ideológico, ecológico e lúdico (OLIVEIRA, 2016, p. 17).

Na visão freiriana, aluno e professor aprendem juntos numa relação dialógica de igualdade. Para descrever esse processo, é preciso entender os estudos de Paulo Freire e as suas contribuições para o ensino da língua escrita e da leitura, uma vez que este foi considerado como um dos primeiros teóricos a empregar o termo alfabetização, mas com um sentido muito semelhante ao que hoje tem o termo letramento. “A leitura do mundo precede a leitura da palavra [...]. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 1992, p. 9).

Nessa perspectiva, observa-se que o ato de alfabetizar para o autor ia muito além da aquisição da leitura e da escrita num espaço formal de ensino, pois ele conseguia ressignificar as suas práticas pedagógicas, partindo da compreensão que o aluno traz um conhecimento prévio de mundo e dos saberes que os sujeitos cresciam dentro de um contexto social, de uma realidade que os acompanhavam e modificavam. Os alunos eram considerados sujeitos sociais, atuantes e autônomos com múltiplas experiências e conhecimento de mundo. Na perspectiva freiriana, aluno e

professor aprendiam juntos numa relação dialógica de igualdade, dialogando com as teorias de letramentos aplicadas na contemporaneidade.

Assim o Enleituramento segundo Oliveira (2016),

surge como uma prática que diferencia leitura superficial — decodificação do código linguístico — e a produção de leitura — aquela que considera a relação dialógica entre as condições de produção dos sujeitos da interação, quais sejam: sujeito-autor, sujeito leitor, sem hierarquias — e estabelece que seu foco seja o encaminhamento que é dado a essa ação, particularmente feita pela (o) docente, no sentido de mediar o processo de diálogo entre o sujeito leitor e o sujeito autor (OLIVEIRA, 2016, p. 123).

É necessária uma reflexão buscando um olhar diferenciado no processo de formação docente, analisando os saberes necessários à prática docente, que precisam ser problematizados, pois a cada dia evidencia-se que a Educação é um processo humanizante, político, ético, estético, histórico, social e cultural. Esses saberes denunciam a necessidade de o professor assumir-se um ser reflexivo e crítico, curioso, que duvida e faz da sua fala um aprendizado de escuta. É um agente competente, que estuda, se prepara e tem o domínio do conteúdo e do método em que se respalda. Por fim, necessita ser generoso consigo próprio para que o possa ser com o aluno como diz Paulo Freire no seu livro *Pedagogia da autonomia*.

É essa prática respaldada em um fazer pedagógico que percebe a leitura como algo profundo e que se opõe à leitura superficial, aquela em que o leitor não é sujeito de sua leitura, na qual não consegue estabelecer conexões ou perceber as nuances do texto, pois, como nos diz Orlandi (2003 *apud* OLIVEIRA, 2020), a leitura é discurso e é produção desencadeada pelas condições de produção dos sujeitos interlocutores da leitura. E como tal

exige método e fazeres apropriados e que fazem parte da prática educativa mediada pelo professor.

...é importante que aqui se tenha claro que o enleituramento é ação de tornar o texto inteligível em suas várias nuances: lexical, gramatical, de conhecimento de mundo, indo além da leitura das palavras e coadunando com a ideia de que, “ao professor cabe criar oportunidades que permitam o desenvolvimento do processo cognitivo com o objetivo de formar o leitor crítico” (KLEIMAN, 2004, p. 9), não só ao docente, mas, tomando-se a perspectiva assumida nesse texto de que a escola deve dar conta da constituição do sujeito leitor, enfatizamos esse aspecto, considerando se que o professor, a professora também se formam ao formar, ideia assumida por Freire (1996) e outras reiteradas vezes (OLIVEIRA, 2017, p. 3).

Ensinar e aprender são atos indissociáveis em que um inexistente sem o outro, pois como diz Freire ensinar exige rigorosidade metódica: O docente necessita ensinar aquilo que vive, o que lhe é próximo e próximo dos estudantes para que se tenha uma visão crítica acerca do objeto/fenômeno estudado. Ensinar exige pesquisa: Novamente são duas ações indissociáveis. Para ensinar, é necessário pesquisa, busca, inquietações, problematizarem busca de soluções e explicações, não se acomodando. E o Enleiturar é exatamente esta prática respaldada em um fazer docente que se apropria do método, possibilitando a práxis através de recursos pedagógicos e facilitando uma aprendizagem mais eficaz.

Assim, a escola assume o papel de espaço de convivência, sociabilidade e construção de aprendizagem significativa como demonstra o PCN “A escola deve assumir o compromisso de procurar garantir que a sala de aula seja um espaço onde cada sujeito tenha o direito à palavra reconhecido como legítimo, e essa palavra encontre ressonância no discurso do outro (BRASIL, 1998, p. 48), construindo um discurso autônomo, crítico e valorizador das histórias individuais, locais e periféricas.

## **PEDAGOGIA SISTÊMICA E O ENLEITURAMENTO**

Pedagogia Sistêmica, conforme aponta Frank-Gricksch (2001), não se apresenta como uma nova metodologia de ensino ou técnica pedagógica. A prática sistêmica trata-se, na verdade, de uma nova postura interna por parte do professor, gestor ou da equipe escolar, ou seja, uma nova forma de olhar para o mundo ao redor: Não se trata de abandonar as concepções pedagógicas e psicopedagógicas até então vigentes ou deixar de lado as linhas teóricas da instituição.

Ela nos permite enxergar o sistema educativo como um todo, no qual todos estão interligados. Nos possibilita a percepção de todos os sistemas: familiares, históricos, culturais, sociais e como estes influenciam os processos educativos e de ensino aprendizagem. Não são mais blocos isolados. No específico está o todo (VIEIRA, 2019, p. 59-60).

Assim, o profissional atento aos princípios sistêmicos poderá se utilizar no dia a dia de movimentos e mecanismos aparentemente simples, de forma a exercitar essa postura e esse olhar que a todos inclui, sem julgamentos de valor. Tal postura pode ser praticada pela equipe de gestão escolar, por exemplo, reconhecendo os gestores e os funcionários que colaboraram com a história da unidade escolar anteriormente; mas também pelos professores e orientadores pedagógicos, que passam a compreender aquele aprendiz à sua frente como um integrante fiel de seu sistema.

O principal marco que data o surgimento da Pedagogia Sistêmica se deu a partir das vivências com a Constelação Familiar que a educadora Marianne Franke-Grickch experimentou em sala de aula, na Alemanha, no início dos anos de 1990. Tais experiências foram narradas em seu livro “Você é Um de Nós”, publicado em 2001. Filha de professor e gestor escolar, Franke-Grickch já lecionava há mais de vinte anos, quando, sentindo-se exausta, limitada e sem perspectivas para superação das

dificuldades pessoais e profissionais, buscou um grupo de supervisão de professores e psicoterapias, conhecendo, assim, Bert Hellinger autor e criador do método terapêutico das Constelações Sistêmicas Familiares, cujo pressuposto parte de que as famílias são regidas pelas ordens do amor que são basicamente três: hierarquia, equilíbrio entre dar e receber e pertencimento. Assim, por hierarquia podemos entender a necessidade de que cada um ocupe seu lugar em termos de precedência. Trata-se, portanto, de uma hierarquia cronológica, na qual quem veio antes precisa ser reconhecido como tal, o equilíbrio entre as ações e relações de dar e receber e saber que tem um lugar de origem e o pertencimento ao sistema familiar, observando a identidade e origem. Franke-Gricksch (2002) desejava empregar estes conhecimentos na sala de aula, mas por alguns anos lidou com a rotina da terapia familiar sistêmica e sua área de trabalho como sendo atividades completamente dissociadas.

A iniciativa de utilizar o pensamento sistêmico familiar em sala de aula foi fundamental para o desenvolvimento da Pedagogia Sistêmica enquanto abordagem pedagógica e sua disseminação internacional, que se deu também graças ao trabalho concomitante de Angélica Olvera García (México).

Este pensamento traz a ideia de que cada indivíduo presente na sala de aula não é uma tábula rasa, este traz marcas da sua família, comunidade, história de vida e social. Significa que não vemos apenas o aluno, mas também os pais do aluno através do mesmo.

Um professor quando está diante de uma classe com 20 alunos, não vê apenas 20 pessoas, mas sim 60, pois os pais também estão incluídos. Quando o professor também vê os pais dos alunos por trás deles, ele os entende. Ao mesmo tempo, sente por trás de si seus próprios pais e ancestrais (FRANKE-GRICKSCH, 2002, p. 3).

Assim situa a Pedagogia Sistêmica como:

[...] um novo paradigma que implica em modificações na forma de pensar a educação e nas atitudes em relação aos intervenientes no processo educativo: família, aluno e docentes. Conecta todos os elementos da comunidade escolar, orientando-os para o êxito mesmo em situações de grandes dificuldades (VIEIRA, 2019, p. 65).

Nesse sentido, a Pedagogia Sistêmica é uma abordagem que contribui para que a escola seja vista como um todo, incluindo a família dos educandos.

A escola quando coisificada, destituída do olhar amoroso dos pais, da família, quando ela deixa de ser viva na percepção dos indivíduos, da família, da comunidade, da sociedade, ela não poderá oferecer o essencial (GUEDES, 2012, p. 57).

Essa prática tem como embasamento o Pensamento Sistêmico, cuja premissa parte da ideia de que “o todo é maior que a soma de suas partes”, fundamentado nos estudos de Capra e Maturana (2015):

Olhar para o “TODO” significa captar o muito que está à nossa frente. Quando nos expomos à plenitude de olhar de forma amida para tudo que nos constitui e o que constitui o outro, estamos expostos ao campo que atua de forma fenomenológica deixando se tocar pelas experiências do sentir e não só do racionalizar. Este movimento de expansão e de retração até alcançarmos o centro e o equilíbrio que nos ajuda a suportar o “vazio” que pode resistir à diversidade, e a isso se dá o nome de fenômeno. É neste vazio com embasamento no inconsciente que reside as grandes questões existenciais (MATURANA, 2015, p. 63).

A Pedagogia Sistêmica integra um pensamento emergente, que surge em contraposição ao pensamento mecanicista, tendo como postura, um olhar diferenciado e uma escuta sensível. A Pedagogia Sistêmica pode ser aplicada em todos os contextos educativos, sejam estes formais (escola) ou informais (família), pois traz como embasamento a compreensão do todo e a importância do entrelaçamento das partes para uma melhor constituição do todo.

O educador sistêmico desenvolve um olhar singular e diferenciado, pois exercita o olhar sobre a realidade do aluno e da instituição, percebendo seu real papel e função. A partir deste lugar, percebe com respeito os educandos e suas histórias de vida. O educador sistêmico precisa olhar antes de mais nada para a sua própria história de vida, se percebendo como sujeito e qual a sua origem, identidade. É um profundo trabalho de autoconhecimento. A partir deste movimento de acolhida da própria história, pode ir para as diversas realidades escolares acolhendo também seus alunos e suas histórias como são.

Os princípios sistêmicos, segundo Franke-Grinsh (2002) e Vieira (2019) nos levam às seguintes percepções: A importância da ordem: quem veio antes e quem veio depois, tem a ver com o vínculo entre gerações (tanto para os alunos como para os professores); A importância do lugar e função de cada um: pais, professores, diretores, coordenadores, alunos; A importância das trocas estabelecidas; O valor da inclusão em contrapartida com as implicações da exclusão; O peso das culturas de origem, que tem a ver com a fidelidade aos contextos de onde viemos; O papel das consciências; O significado das interações; todos os membros de um sistema estão vinculados aos outros; O significado dos fenômenos que se manifestam na escola, como não aprendizagem, déficits de atenção, hiperatividade, desinteresse, apatia, violência, agressividade, bullying... Os fenômenos são o aparente, estão sempre revelando que algo maior precisa ser observado e trabalhado. A importância e o valor das gerações e suas interações e perceber a importância e valor das emoções.

Esta teoria dialoga com a visão de Paulo Freire no seu livro educação para a autonomia que diz que a educação se caracteriza como libertadora, pois valoriza e promove a individuação e a individualidade, não o individualismo, um processo de autoconhecimento que gera o conhecimento e mudança coletiva.

Da individualidade e da individuação desemboca-se na interpessoalidade que fortalece e estrutura a liberdade.

Em Pedagogia da Autonomia, Paulo Freire nos presenteou com inúmeras reflexões, das quais destaco alguns argumentos que orientam o enfrentamento no qual os educadores comprometidos com a liberdade e a autonomia devem engajar-se.

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio, e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, mas não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas do pensamento, surpreendem suas pausas (FREIRE, 1996, p. 96).

A autoridade coerentemente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, nem no silêncio dos silenciados, mas no alvoroço dos inquietos, na dúvida que instiga e na esperança que Paulo Freire e a complexidade na educação dialogando com os pressupostos da pedagogia sistêmica.

## **CONSIDERAÇÕES**

Possibilitar o diálogo entre letramento, enleituramento e pedagogia sistêmica, só evidencia que cada teoria traz na sua singularidade pressupostos teóricos que se complementam, trazendo pluralidade em um olhar bem marcado pela sensibilidade e respeito pela educação e educando em uma busca contínua de ressignificar histórias e os sujeitos participantes do processo, de forma efetiva, desconstruindo e criando novos modos de produção de subjetividade e fazeres, e assim, visibilizando o pensamento sistêmico enquanto possibilidade de novas estratégia, métodos, comportamentos e valorização das

subjetividades nas suas singularidades, numa prática de enleituramento.

Emancipar o sujeito pela educação é o grande objetivo da atualidade, criar novos comportamentos com as marcas de uma subjetividade produzida pela aceitação da história periférica, marginalizada, analisar, criticar e reconhecer as diversas identidades, pluralidades e buscar uma forma de ressignificar o olhar sobre os processos educativos. Pressupostos que serão encontrados detalhadamente tanto no letramento social que traz a possibilidade de olhar o indivíduo e a prática da leitura e escrita além da escola, assim como perceber que o fazer pedagógico propagado por Rosemeire Lapa ao considerar a prática educativa como um fazer responsável, implícito e construído a partir dos estudos, recurso, métodos desenvolvidos pelo educador através de estudos, saberes e pesquisas, demonstrando preocupação com a valorização da formação docente e da profissão possibilitando verdadeiro diálogo e com as teorias letramento e por último a compreensão dos sujeitos da educação enquanto seres marcados por suas famílias, comunidades e subjetividades, pensando o fazer através da vivência do aluno na sua família e comunidade e entendendo os processos internos e de comportamento como timidez, agressão, valorização de etnia, gênero, religiosidade compreendendo as partes deste sujeito complexo que faz parte do processo de educar, em um olhar sistêmico.

Um papel importante para educação com a perspectiva para emancipação é ter como suporte a análise e apropriação de identidade e conceitos que contribuam para produzir mudanças significativas que conduzam à autonomia dos sujeitos e formação de uma cidadania consciente num modelo de posicionamento sistêmico onde o reconhecimento das interlocuções entre as partes de um sistema possibilita a valorização do que constitui cada ser.

Conjecturar-se que as práticas de letramento, junto com o enleituramento e a pedagogia sistêmica possam se constituir em forma de resistência e (re)existência a todo modelo colonizador e alienador, valorizando as identidades e culturas singulares de cada povo e sujeito é uma tentativa de modificar o sistema vigente. Portanto, defende-se a ampliação dos debates acadêmicos sobre trabalhos, práticas, estudos em torno de propostas pedagógicas fundamentadas em pressupostos de teorias críticas e do pensamento sistêmico voltados a construção de uma educação.

Neste sentido, este artigo se faz pertinente, pois traz as possibilidades de refletir sobre este processo tentando, de uma forma analítica, perceber a constituição do mesmo e as suas implicações na construção de modelos de produção de práticas e teorias constituídas numa possibilidade de unir conceitos numa identificação e valorização dos sujeitos, história de vida, a raça, religião, cultura, sem discriminação e valorizando a diversidade, promovendo uma educação crítica e libertaria que possa transformar a realidade social dos sujeitos que a compõem num processo de Esperançar como diz Paulo Freire. “É preciso ter esperança, mas tem de ser esperança do verbo ‘esperançar’, porque tem gente que tem esperança do verbo ‘esperar’, e essa não é esperança, é pura espera...” (FREIRE, 1996, p, 72).

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 2018.

FRANKE-GRICKSCH, Marianne. Você é um de nós: percepções e soluções sistêmicas para professores, pais e alunos. Minas Gerais: Atman, 2002.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. RJ: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996

GUEDES, Olívia. *Pedagogia Sistêmica: o que traz quem levamos para a escola?* Curitiba: Appris, 2012.

KLEIMAN, Ângela B. *Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* Coleção: Linguagem e letramento em foco. Curso: Linguagem nas séries iniciais. São Paulo: CEFIEL, 2005.

MATURANA, H.; VARELA F.J. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Athena, 2001.

OLIVEIRA R. L. *Mais que Letrar, é urgente enleiturar* In: *Estágio e prática pedagógica: Letramentos e Tecnologias digitais na sala de aula*. Curitiba: CRV, 2016, v. 1, p. 181-191.

PEREIRA, Aurea da Silva. *Tempo de plantar, tempo de colher: mulheres idosas, saberes de si e aprendizagem de Letramento em Saquinho*. Tese de Doutorado em Educação e Contemporaneidade, Departamento de Educação, Uneb, 2014.

STREET, B. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

STREET. *Os novos estudos sobre letramento: histórico e perspectivas*. In: MARILDES, M. e CARVALHO, G. T. *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

VIEIRA, Jean Lucy Toledo. *Introdução à Pedagogia Sistêmica — Uma nova postura para pais e educadores*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2019.